



## ÉTICA E EDUCAÇÃO DIANTE DA VIOLÊNCIA NA PÓS-MODERNIDADE

Benedito Lauro da Silva (COEDUC/UFMT) – [beneditolauro@gmail.com](mailto:beneditolauro@gmail.com)<sup>1</sup>

Júlia de Almeida Silva – [juliadealmeida123@gmail.com](mailto:juliadealmeida123@gmail.com)<sup>2</sup>

GT 11 – Filosofia da Educação

### Resumo:

O presente trabalho busca analisar a importância do tema ética e sua aplicação na educação, como possível parâmetro norteador da prestação de seus serviços para a sociedade brasileira na pós-modernidade diante de uma sociedade que convive constantemente com a violência. Esses temas fazem parte da discussão dessa pesquisa, em conformidade com as modernas publicações de estudos filosóficos, jurídicos e as de cunho técnico-profissional, por estarem contemporânea e transversalmente ligados, e interferirem diretamente na teoria e na prática. Analisa, também, como as instituições da educação relacionam-se com a temática da ética e suas influências na atividade profissional.

Palavras-chave: Ética. Educação. Pós-modernidade. Violência.

### 1 Introdução

O indivíduo, ao pensar sobre a própria existência e qual o seu papel na relação com o mundo, se depara com uma série de questões que demandam refletir sobre os direitos e deveres de como ser, estar e agir entre os humanos e na relação com os demais elementos da natureza no nosso planeta.

A Filosofia, neste mundo hodierno, tem servido como uma das fontes do conhecimento para se pensar e buscar caminhos para a resolução dos problemas sociais, analisando e questionando variadas situações, dentre elas a violência, que se configura como um dos mais preocupantes dramas da atualidade.

O mundo contemporâneo em que vivemos é o resultado histórico de transformações sociais, culturais e políticas que merecem atentas análises no tocante às atuais manifestações da ética. Embora não haja consenso acerca do termo utilizado para nomear o tempo atual, vivemos em uma era à qual os estudiosos denominam ora

<sup>1</sup> Bacharel em Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar Costa Verde e Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

<sup>2</sup> Bacharelanda em Ciências Jurídicas pelo Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG.

modernidade, ora pós-modernidade, em virtude da falta de consenso em definir e conceituar esses complexos períodos históricos.

A literatura demonstra que a modernidade está compreendida entre os séculos XVII a XIX, embora também se admita que tenha iniciado bem antes, tendo como base a periodização da história organizada pelo filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831), conhecido como o primeiro pensador a elaborar uma filosofia da história da filosofia. (Marcondes, 2004, p. 9).

A modernidade representou a ruptura da relação do homem com a cultura teocêntrica da era medieval e a substituição dessa por uma cultura antropocêntrica e secular em que o homem se conscientiza da sua capacidade racional para dar resposta aos seus dilemas.

Acerca da identidade do período moderno, Marcondes leciona que

“Inicialmente opõe-se apenas ao antigo, ou ao anterior, designando o atual, o presente, ou contemporâneo, e estabelecendo uma ruptura com a tradição. Duas noções fundamentais estão, entretanto, diretamente relacionadas ao moderno: a ideia de progresso, que faz com que o novo seja considerado melhor ou mais avançado do que o antigo; e a valorização do indivíduo, ou da subjetividade, como lugar da certeza e da verdade, e origem dos valores, em oposição à tradição, i.e., ao saber adquirido, às instituições, à autoridade externa” (MARCONDES, 2004, p. 10).

Em termos sociais, o filósofo polonês Zygmunt Bauman (1999) descreve a modernidade como um período que ficou marcado pela perda de laços sociais, o que culmina na desconstrução de formas padronizadas e duradouras de relacionamentos, razão de conceituá-la como “modernidade líquida”, posicionamento contra uma visão pós-moderna da pós-modernidade.

Jurgen Habermas (1992) concebe a modernidade como um “projeto inacabado” em que o mundo passa por interessantes transformações, inclusive culturais, no entanto, grupos conservadores e neoconservadores ainda não entenderam a importância de dialogar com esses novos momentos democráticos, colaborando, portanto, com as ocorrências de conflitos sociais.

O sistema capitalista – forte modelo econômico influente da modernidade – estimulou ações individualistas que afetaram muito a convivência social em razão da imensa competitividade para se alcançar o sucesso, desbancando valores morais e fazendo sobressair o egoísmo. Para Cortella (2015, p. 27), o egoísmo é a interrupção da ética como

possibilidade virtuosa da escolha, oportunizando concluir que a ética nada mais é que um conjunto de valores e princípios usados para guiar a nossa conduta no mundo em que vivemos.

Para tratar das violências resultantes da fragilidade da ética, os Estados nacionais têm se utilizado das instituições públicas, dentre elas as escolas, para tentar colaborar com a manutenção da ordem pública, orientando para o cumprimento das leis e das demais regras de convivência humana. Essas instituições precisam agir compromissadas com o respeito ético aos cidadãos e respaldadas pelas normas locais e de nível nacional.

Esta pesquisa busca responder à seguinte questão: quais relações o conceito de ética estabelece com a educação diante dos conflitos violentos presentes na pós-modernidade?

O presente trabalho é uma pesquisa de abordagem qualitativa, com a utilização de técnicas e métodos próprios do campo da pesquisa bibliográfica, tendo como eixo de reflexão consultas às obras literárias da filosofia, a estudos e a pesquisas sobre a educação e a violência.

## **2 Ética na educação Pós-Moderna**

Diferentemente dos animais, os humanos são dotados de capacidade para decidir os sentidos que tomam na vida, seja de forma individual ou na complexa relação com a sociedade. Essa capacidade diz respeito à aptidão de questionar se o que fazemos é a escolha mais correta para a situação apresentada.

A convivência humana e as divergências de interesses inevitavelmente provocaram desentendimentos entre os humanos, tanto que o fenômeno da violência não é recente. Em diversos momentos da história encontramos relatos de ações cruéis ou brutais utilizadas nas situações nas quais emergiram problemas individuais ou coletivos, carecendo de uma regulação moral na tentativa de equacionar esses conflitos.

Na obra *Ética e Sociologia da Moral*, Durkheim (2016, p. 56) assegura que a moral varia de acordo com a presença do indivíduo nos diferentes contextos sociais, posto que, naturalmente, ela apresenta diversidade nas famílias, nas tribos, nas castas e nos estados, portanto, existe uma moral para cada classe social e de acordo com as condições sociais.

Historicamente, a sociedade tem procurado meios para diminuir, evitar e controlar a violência no seio social como forma de garantir a harmonização social, valendo-se da iniciativa de instituir “conjuntos de valores éticos como padrões de conduta, de relação intersubjetivas e interpessoais, de comportamentos sociais que pudessem garantir a integridade física e psíquica de seus membros e a conservação o grupo social” (CHAUI, 2000, p. 336).

Importante observar que os temas ética e moral podem apresentar significados de maneira unívoca, complementar ou dissociada. Em alguns estudos, dependendo dos autores e do assunto discutido, são apresentados em sentido sinônimo, em face da proximidade de sua tradução e significado.

### **3 A ética como fonte referencial da convivência humana**

Desde a Antiguidade, a questão ética tem sido tema recorrente entre os filósofos, por analisar os vários momentos conflituosos da vida humana e na tentativa de ajudar as pessoas a conviverem mutuamente da melhor maneira possível. O espaço de tempo compreendido entre os anos 500 e 300 a.C., aproximadamente, é considerado pela literatura como o período áureo do pensamento grego em que surgiram importantes ideias e muitas definições e teorias que até hoje nos acompanham (VALLS, 1994, p. 24).

Durante esse período conhecido como socrático ou antropológico, o ser humano, sua vida político-moral e sua capacidade intelectual ganharam ênfase enquanto objetos de estudo de vários pensadores da filosofia. Sobre a compreensão histórica e conceitual do surgimento do termo ética, Cortella (2019, p. 78) discorre:

“A palavra ética vem do grego *ethos*. Até o século VI a.C. significava ‘morada do humano’, no sentido de caráter ou modo de vida habitual, ou seja, o nosso lugar. *Ethos* é aquilo que nos abriga, aquilo que nos dá identidade, que nos torna o que somos. Porque a tua casa é o modo como você é, onde reside a tua marca, podendo ser até teu quarto”.

Com Aristóteles o conceito ganha repercussão sistemática, procurando distinguir entre o conhecimento teórico e o prático, sobretudo na *Ética a Nicômaco*, ganhando um contexto histórico-social, de que “a ética ou filosofia da moral pode ser conceituada como

a parte da filosofia que se ocupa com a reflexão a respeito dos fundamentos da vida moral” (FIGUEIREDO, 2008, p. 1-2).

Não resta qualquer dúvida sobre a significativa importância do conhecimento sobre a ética na vida dos indivíduos. Ela emerge como um conjunto de princípios e valores que utilizamos para escolher a ação humanamente mais adequada dentro da nossa conduta social, visando proteger e resguardar a convivência harmoniosa da vida coletiva.

Immanuel Kant orienta que: “tudo o que não puder contar como fez, não faça”. Isso traduz de forma enfática que se há motivos para envergonhar-se de dizer aquilo que fez, já há uma boa razão para não fazê-lo, ainda que em segredo (CORTELLA, 2019, p. 76).

Embora não tenha publicado uma obra que trate especificamente o tema da ética, Paulo Freire, considerado mundialmente um dos grandes pensadores da Educação, incorpora variadas percepções do mundo e permeia seu pensamento com um rigor ético em defesa da dignidade humana em contraposição aos ideais da modernidade. Na sua obra *Pedagogia da Autonomia*, elabora uma proposta fundada na “ética universal do ser humano” que considera vital para a convivência digna do ser humano diante de um mundo fatalista e determinista que nega os direitos fundamentais do ser humano. Para ele

“O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas de ordem econômica, política, social, ideológica que nos estão condenando à desumanização” (FREIRE, 1992, p.99).

A ética, portanto, é tratada no sentido de orientar a conduta e os valores de um grupo de pessoas ou sociedade em um determinado tempo e lugar. “Uma pessoa é ética quando se orienta por princípio e convicções. Dizemos, então, que tem caráter e boa índole” (BOFF, 2004, p. 37).

Enquanto a ética dispõe sobre um conjunto de princípios de convivência de uma sociedade, a moral é individual e prática. A palavra “moral” tem origem no termo latino “mos”/“mores”(plural) que significa relativo aos costumes, normas ou leis (Tughendhat, 1999, apud PEDRO, 2014, p. 2).

Ao analisar as ideias que os intelectuais moralistas traziam à baila nas discussões filosóficas, ainda que na defesa da economia sócio-política, Emile Durkheim (2016, p.

73) assinala que a função da moral é a de ajudar a ajustar a conduta humana, favorecendo assim a sua sobrevivência.

Boff (2004, p. 37) corrobora com a manifestação prática da moral na vida das pessoas expressada pelos costumes, hábitos e valores culturalmente estabelecidos. O filósofo leciona que “uma pessoa é moral quando age em conformidade com os costumes e valores consagrados. Estes podem ser questionados pela ética”. Exemplifica demonstrando que uma pessoa pode ser moral (por seguir os costumes até por conveniência), mas não necessariamente será ética (por obedecer a convicções e princípios).

No trabalho de diferenciar o sentido do termo ética do sentido do termo moral, Pedro (2014, p.3) enfatiza:

“A ética é essencialmente especulativa, não se devendo dela exigir um receituário quanto a formas de viver com sucesso, dado que se preocupa, sobretudo, com a fundamentação da moral; a moral, é eminentemente prática, voltada para a ação concreta e real, para um certo saber fazer prático-moral e para a aplicação de normas morais consideradas válidas por todos os membros de um determinado grupo social”.

A possibilidade de diferenciar a ética da moral consiste em reservar primeiramente o termo ética a deveres de ordem pública, razão pela qual são utilizadas “expressões como ‘ética da política’, ‘ética da empresa’, ‘código de ética’ (de determinadas profissões), ou ainda ‘comitê de ética para pesquisa com seres humanos’” (TAILLE, 2013, p. 109).

#### **4 A educação e as concepções éticas e morais**

Como anteriormente exploramos, o mundo pós-moderno tem sido marcado por frenéticas mudanças e variadas manifestações de sentimentos individualistas, subjetividades e banalização ou ausência de valores, o que, pela carência de regras sólidas, pode resultar em atos violentos sob a forma física ou moral.

Na ânsia de obter a almejada segurança diante do aumento da violência, a sociedade, ao longo dos tempos, confiou ao Estado a responsabilidade de traçar estratégias visando proporcionar melhor qualidade de vida para a sua população. Essa necessidade social é mencionada por Adorno e Horkheimer:

“Estado Moderno recebe o poder do povo para realizar o bem comum desse mesmo povo, em determinado território, mediante a proteção e a garantia permanente de valores que conduzem ao desenvolvimento integral da personalidade humana. A estrutura institucional do estado tem por base a

garantia de valores seculares, éticos e agora ecológicos que conduzem à elevação civilizatória da humanidade” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, 24).

Para prover o bem comum, o Estado utiliza de ordenações jurídicas e instituições para assegurar a proteção social a bens como: a vida, a liberdade, a segurança, a justiça, a propriedade e a outros bens comuns essenciais para a continuidade humana.

As ordenações jurídicas estão traduzidas através das constituições, normas infraconstitucionais, leis, códigos de conduta e outros regulamentos. Esse conjunto de normas jurídicas é elaborado, aprovado e reconhecido pelos organismos do Estado com a finalidade de ser seguido e respeitado pelos membros da sociedade, visando assegurar a ordem pública e a respeitosa convivência.

Dentre as instituições destinadas a orientar e controlar socialmente o comportamento das pessoas – embora algumas apenas no campo ideológico – estão: a família, a escola, o sistema político, o sistema judiciário, os exércitos, a polícia e as prisões. Neste trabalho, por questão de delimitação do tema proposto, daremos enfoque especial à educação, que recebe importantes contribuições através da instituição escolar.

A educação tem sido uma ferramenta importante para lidar com os fenômenos da violência que se apresentam de variadas formas, tão marcadas pela exclusão e pelas violações dos direitos individuais e coletivos.

O termo educação é definido pelo Dicionário de Filosofia Abbagnano como

“a transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, que são as técnicas de uso, produção e comportamento mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico” (ABBAGNANO, 2018, p. 357).

As reiteradas transmissões dessas técnicas culturais e comportamentos é o que garante a sobrevivência de determinada sociedade humana e ao conjunto das formas de realizar essa transmissão chama-se educação (ABBAGNANO, 2018, p. 357).

Importante observar que em face das constantes mudanças que a dinamicidade social impõe no nosso cotidiano pós-moderno torna-se necessário que as técnicas e os comportamentos sociais sejam constantemente acompanhados e avaliados. A educação, portanto, exerce interessante papel no sentido de avaliar, corrigir, orientar e aperfeiçoar

não só os métodos e procedimentos da técnica, mas também a conduta dos indivíduos inseridos no grupo social.

A aquisição do conhecimento e o aprimoramento da ação caminham lado a lado no processo de aprendizagem, afirma A YEG-SIQUEIRA (2014, p. 120), que robustece o discurso sobre a parceria da ética com a educação ao destacar que “aprender não se reduz à simples memorização de conceitos e de fórmulas, mas ao raciocínio lógico, à compreensão e à reflexão”.

Foi a partir de Sócrates que iniciaram as preocupações com o conhecimento cuja finalidade imediata seria a de se alcançar a virtude e que, se encontrado, melhoraria consideravelmente a conduta do ser humano.

A passagem da Idade Média para a Moderna fica marcada, nos campos epistêmico e ético, como a transição nos processos da educação

“antes destinada a aprimorar a conformidade do ser humano com os desígnios divinos, passa a ser concebida como um instrumento de aprimoramento de uma racionalidade que seja capaz de, desvendando os segredos da natureza tanto humana quanto material, alcançar uma vida melhor para o ser humano aqui mesmo, na Terra. O conhecimento dos princípios e leis da natureza torna-se o eixo central de um novo projeto de emancipação que tem na educação um e seus principais supostos de realização”. (GOERGEN, 2005, p. 59).

Nos tempos modernos coube aos sábios e cientistas promover a elaboração e a divulgação da razão emancipadora, valendo-se do trabalho pedagógico, uma concepção iluminista, como instrumento regulador da convivência no âmbito escolar por envolver diversos atores no processo de ensino-aprendizagem.

A educação não ocorre apenas na ação individual do aluno e nem só da relação deste com o professor. Como as instituições educacionais não estão dissociadas da sociedade, é necessário o auxílio da escola, dos setores administrativos, dos serventuários, das famílias, dos órgãos governamentais e de outros atores, imbuídos de um compromisso ético, para a potencialização da melhoria educacional. O trabalho pedagógico, primordialmente, “deve ter em mira a ética como base fundamental para o tratamento das assimetrias e das diferenças, a fim de propiciar um campo fértil de diálogo, de negociações e de ajustes em todo o ambiente escolar”. (SAYEG-SIQUEIRA, 2014, p. 122).



A modernidade – calcada na razoabilidade do conhecimento crítico para se alcançar um mundo melhor – significou a superação da crença teológica da salvação da era medieval. No entanto, Goergen (2005), ao analisar a racionalidade iluminista, enfatiza que na modernidade,

“através da razão, transformou-se ‘ideal’ do homem submisso à ordem burguesa e aos seus interesses, disposto a aceitar as regras do mercado e a instrumentalização do ser humano a seu serviço. A razão, ela própria, conforme denunciavam com muita propriedade Adorno e Horkheimer, de instrumento de emancipação, tornou-se instrumentalizada” (GOERGEN, 2005, p. 61).

A pós-modernidade por sua vez representa a superação dos arrazoados da modernidade que fracassou ao não conseguir tornar os indivíduos livres e autônomos. Não é tarefa fácil analisar e conceituar o momento hodierno, pois mesmo entre os estudiosos ainda não há consenso, o que faz com que essa conceituação oscile entre o moderno e o pós-moderno pela complexidade e pela velocidade das transformações históricos-sociais, embora todos o reconheçam como cenário de profundas mudanças.

Trasferetti (2011) dá especial destaque ao pensamento do filósofo Manfredo Oliveira que salienta que, nestes tempos pós-modernos, a estrutura humana está afetada por uma crise de sentido, profunda, séria e complexa.

“Para esse pensador, a palavra crise transformou-se em uma categoria chave para compreender nosso momento histórico. As mudanças rápidas e profundas dos valores que norteiam nossa ação social têm permeado nossos comportamentos, impondo um ritmo de vida jamais visto. O ser humano está ficando isolado, descrente de tudo, caminha vazio pelas esquinas do mundo. O indivíduo em sua caminhada busca sua satisfação pessoal e o centro de suas ações está na busca de autorrealização, felicidade consumista e prazer desmensurado. A sociedade em suas estruturas básicas busca o prazer de indivíduos isolados” TRASFERETTI (2011, p. 93).

Estamos vivendo uma época de profundas transformações e com fortes demonstrações de decadência dos valores humanos. A humanidade tem apresentado uma ética individualista que em nada colabora com a sociabilidade necessária para habitarmos um mundo mais humano e solidário. Crises sociais mais prementes e reações contraditórias são manifestadas sob a forma do egoísmo na vida privada, crise ambiental, crise econômica, corrupção, a defesa de governos autoritários, oportunismo e outras manifestações da busca de poder e ganância.

Os filósofos e demais estudiosos não arriscam apontar uma pronta e imediata saída para a crise do comportamento social que assola o mundo pela própria dificuldade de entender estes tempos pós-modernos. Então como resolver? “Certamente, uma ética particularista não vai resolver os problemas, muito menos equacioná-los corretamente” (TRASFERETTI, 2011, p. 94).

Dentre as possibilidades, entendem que a educação, robustecida dos conteúdos éticos e morais e apoiada pela sociedade e órgãos governamentais, constitui uma importante ferramenta de reflexão para, pelo menos, aplacar essa crise moral da atual realidade, permeada pela ausência de princípios norteadores.

## 5 Considerações finais

O ser humano – enquanto sujeito dotado de inteligência –, ao refletir sobre sua existência, sobre a sua condição no tempo e no espaço e sobre a sua relação social, tem utilizado os conhecimentos disponíveis, dentre eles o filosófico. Além disso, usa esses mesmos conhecimentos para analisar e debater sobre o seu passado, o seu presente e suas perspectivas para o futuro. A condição de ser inteligente traduz-se na capacidade humana de questionar se agimos da forma mais acertada para a situação que se apresenta.

O mundo como percebemos hoje, também conhecido como pós-moderno, é o resultado de contínuas transformações históricas de cunho social, político e econômico, produzindo efeitos na arte, na cultura, na educação, nas ciências, no trabalho e, principalmente, nas relações pessoais. O filósofo Zygmunt Bauman descreve o atual período como “modernidade líquida” em face da perda de laços sociais que culminam na desconstrução de formas padronizadas e duradouras de relacionamentos, enquanto que o também filósofo Jurgen Habermas concebe a modernidade como um “projeto inacabado” e, portanto, sujeito, ainda, a variadas e contínuas transformações.

Os temas ética e moral, embora pareçam ter o mesmo sentido, não são sinônimos, e têm sido assunto recorrente nos debates entre os filósofos, por perpassarem os vários momentos da historicidade humana, sempre permeados pela reflexão dos conflitos que se renovavam constantemente. A ética dispõe sobre um conjunto de princípios de convivência de uma sociedade enquanto a moral é individual e prática. A necessidade do indivíduo e dos grupos orientarem-se pelos valores éticos e morais reveste-se de fundamental importância para que a sociedade encontre uma melhor forma de

convivência e sobrevivência humana. As contribuições extraídas dos pensamentos de Aristóteles, Imanuel Kant e Leonardo Boff ajudam-nos a compreender a importância dos temas da filosofia moral no seio social para que possamos perseverar na tentativa de construir uma sociedade feliz.

Nestes tempos de pós-modernidade, as relações sociais estão mais fragilizadas e apresentam características da decadência dos valores humanos, evidenciadas através de ações individualistas, imediatistas, competitivas e descartáveis, dificultando a manutenção de vínculos afetivos na sociedade e favorecendo a ocorrência de diversificadas violências.

Na tarefa de assegurar o bem comum para a coletividade, ou seja, assegurar a proteção social, o Estado faz uso de ordenações jurídicas e instituições. Dentre essas instituições, a escola tem sido utilizada como importante ferramenta da educação para lidar com os conflitos e os fenômenos da violência.

Devido às constantes mudanças que a dinamicidade social impõe no nosso cotidiano pós-moderno, torna-se necessário que a educação exerça o papel de avaliar, orientar, corrigir, e aperfeiçoar não só os procedimentos da técnica cultural, mas também a conduta dos indivíduos inseridos no grupo social visando manter a tranquilidade pública da comunidade ou recuperá-la, caso necessário.

Os profissionais da educação lidam diariamente com as mais diversas manifestações de crises e de violência, tanto no ambiente escolar como nas outras relações com a sociedade, sejam elas de ordem moral, física ou psíquica. É necessário que as instituições públicas se preocupem em qualificá-los como agentes éticos promotores da paz neste mundo colérico.

Podemos decisivamente afirmar que a relação da educação com a ética na pós-modernidade é de complementaridade, o que se denota com a presença das diversas instituições sociais em consonância com os anseios nos modos de se relacionar em sociedade.

Os temas abordados neste artigo revestem-se de imensa complexidade, razão pela qual há a dificuldade de abordar de maneira completa e minuciosa os objetos que no propomos a debater. Embora esteja demonstrada, neste trabalho, a essencial importância do tema da ética e da moral na educação pós-moderna, vislumbramos a possibilidade de

futuras pesquisas e reflexões complementares avançarem na busca de apontar e detalhar quais os caminhos mais apropriados para inserir a temática nos currículos escolares.

Para contribuir com uma melhor forma de relação social entende-se como necessário, a priori, que as instituições de ensino adotem instruções, cursos, seminários ou palestras sobre ética e moral, contendo discussões teóricas de estudiosos, filósofos, sociólogos que pensam e debatem sobre esses temas no campo social, cuja tônica seja voltada para o respeito à dignidade humana com base em princípios éticos.

## Referências

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6ª Ed. São Paulo. WMF. 2018.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. São Paulo: Jorge Zahar, 1985.
- ARANHA, Maria Lucia de A; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução à Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Moderna, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Ética e moral: a busca dos fundamentos**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- CORTELLA, Mário Sérgio. BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética e vergonha na cara**. Papirus Editora, 2015.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Filosofia: e nós com isso?** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- DURKEIM, Emile. **Ética e Sociologia da Moral**. Tradução Paulo Castanheira. São Paulo. Martin Claret. 2016.
- FIGUEIREDO, A. (2008). **Ética: origens e distinção da moral**. *Saúde, Ética & Justiça*, 13 (1), 1-9. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v13i1p1-9>. Acesso em 22 mar 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOERGEN, Pedro. **Pós-Modernidade, ética e educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. **Modernidade - um projeto inacabado**. In: ARANTES, O. B. F.; ARANTES, P. E. **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

LA TAILLE, Yves de. **Moral e Ética**: uma leitura psicológica. Psicologia: Teoria e Pesquisa. São Paulo. 2010, Vol. 26, n. especial, pp. 105-114.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

PEDRO, A. P. **Ética, moral, axiologia e valores**: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. Kriterion, Belo Horizonte, nº 130, Dez./2014, p. 483-498.

SAYEG-SIQUEIRA, J. H. **Ética e educação**: uma parceria necessária na escola e nos currículos dos cursos de licenciatura. In: SIMKA, Sérgio; MENEGHETTI, Ítalo (orgs.). **Ética como substantivo concreto**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

TRASFERETTI, José. **Ética e responsabilidade social**. 4ª Ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

VALLS, Alvaro L. M. **O Que é Ética?** Ed. Brasiliense, 1994 – Coleção Primeiros Passos – nº 177.